

AULAS COM PROFESSORES EM CASA: MEMÓRIAS DO ENSINO RURAL EM BOM JESUS (1910-1940)

Luciane Sgarbi S. Grazziotin*

RESUMO

Por meio das memórias de doze sujeitos, analisam-se, nesta investigação, algumas práticas de escolarização que determinaram pistas sobre a sistematização da educação na região rural do município de Bom Jesus, localizado no Rio Grande do Sul, nos chamados Campos de Cima da Serra. A pesquisa teve o objetivo de inventariar e analisar determinadas maneiras de contornar a carência de escolas, na região referida, entre os anos de 1910 e 1940. A metodologia utilizada foi a História Oral, as memórias escutadas pertencem ao Acervo Municipal de Memória Oral da Cidade. No contexto pesquisado, vários elementos compõem o processo de entender as práticas que institucionalizaram, em certa medida, o que foi denominado de “aulas com professores em casa”, prática adotada no meio rural em razão da ausência de escolas. Os elementos discutidos na pesquisa dizem respeito às relações de gênero, questões econômicas, culturais, políticas e religiosas. A relação entre eles vai, ao longo da investigação, tecendo um cenário de educação, com suas especificidades culturais interligadas às políticas públicas da educação em âmbitos estaduais e nacionais.

Palavras-chave: Memória. Educação rural. História Oral.

ABSTRACT

SCHOOL TEACHERS AT HOME: MEMORIES OF RURAL EDUCATION IN BOM JESUS (1910-1940)

Through the memories of twelve subjects, we analyzed in this research, some practices of schooling that led to clues about the organization of education in the rural municipality of Bom Jesus, located in Rio Grande do Sul (Brazil) in so-called Campos de Cima da Serra. The research aimed to identify and analyze certain ways to remedy to the lack of schools in that region, between the years 1910 and 1940. The methodology used was the Oral History. We listened to the memories belonging to the Municipal Collections Oral memory of the city. In the context of research, many elements make up to some extent the process of understanding the practices institutionalized, which I called “lessons with teachers at home,” a practice adopted in rural areas due to lack of schools. The elements discussed in the survey relate to gender relations, economics, culture, politics and religion. The relationship between them will, throughout the investigation, construct an educational scene, with their cultural peculiarities linked to public education both in the federal state and in the federated states.

Keywords: Memory. Rural education. Oral History.

* Doutora em Educação com ênfase em História da Educação pela PUCRS. Professora do Centro de Ciências Humanas da UNISINOS, no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Endereço para contato: Rua Santo Antonio, 717, Apto. 505. Porto Alegre (RS). CEP: 90220-011. lusgarbi@terra.com.br

Introdução

Esta investigação teve como objetivo inventariar e analisar determinadas práticas de educação, originadas pela carência de espaços de escolarização, desenvolvidas na região rural de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1910 e 1940.

Por meio das memórias de 12 sujeitos, analisam-se os traços, gestos, indícios que sobreviveram ao tempo, determinando algumas pistas de como a região rural do município de Bom Jesus, localizado nos chamados Campos de Cima da Serra, contornou a educação formal, em lugares distantes da região urbana e carente de escolas.

Para essa pesquisa, a História Oral foi a metodologia utilizada, unindo-se a ela alguns documentos escritos. A utilização da memória como fonte documental atribui outros significados e entendimentos para a História, além daqueles postulados pela análise dita tradicional, pois dá a ver um espaço recriado, pleno de emoções, no qual o critério e a atenção do pesquisador devem ser constantes, pois da memória de cada sujeito entrevistado fazem parte lembranças e esquecimentos.

A investigação parte da narrativa do senhor Doti, cujas memórias de escolarização remontam à década de 1910, até a professora Lucila, que rememora seu tempo de educação rural na década de 1940, percorrendo assim 40 anos de história da educação fora do contexto urbano. A possibilidade de contar essa história parte do Projeto Resgatando Nossas Raízes¹ (PRNR) que, entre outras ações, se propôs a coletar memórias e a construir espaços para guardá-las. Esse espaço originou o Acervo Municipal de Memória Oral, e foram as transcrições das memórias guardadas os documentos centrais da pesquisa.

No contexto pesquisado, vários elementos compõem o processo de entender as práticas que institucionalizaram, em certa medida, o que foi denominado de “aulas com professores em casa”, prática adotada no meio rural em virtude da ausência de escolas. Os elementos discutidos na pesquisa

dizem respeito às relações de gênero, questões econômicas, culturais, políticas e religiosas. A relação entre eles vai, ao longo da investigação, tecendo um cenário de educação, com suas especificidades culturais interligadas às políticas públicas da educação em âmbitos estaduais e nacionais.

A referência às “especificidades culturais” não está vinculada a uma cultura única; traz, portanto, um sentido que não engloba totalidade, pois, de acordo com Chartier (2004), descrever uma cultura a fim de “[...] compreender a totalidade das relações que nela se encontram entrelaçadas, o conjunto das práticas que nela exprimem as representações do mundo, do social ou do sagrado [...] é tarefa impossível” (p. 18). O objetivo, portanto, é indicar tanto aspectos comuns como particularidades desse município e compreender os entrelaçamentos que constituem a educação, num meio geográfico com suas especificidades.

Na cidade de Bom Jesus, o desenvolvimento da educação, de modo geral, e o ensino rural, de forma específica, estão relacionados aos esforços da população em busca da ampliação das condições de estudo e refletem algumas marcas desse local. Esses esforços são mediados não só pelo interesse em construir escolas em um contexto público, mas por práticas específicas e espaços privados, tais como: a casa de pais, esses que, mediante a contratação de um professor, recebem outras crianças além de seus filhos; a casa de professores, que hospedam os alunos de lugares distantes; as casas de outras famílias, nas quais muitas crianças “param” com o objetivo de frequentar uma aula próxima.

Essas formas e maneiras de criar e gerir espaços de educação no meio rural seguem, de modo geral, os pressupostos de uma sociedade capitalista. Essa comunidade, à medida que organiza o saber de diferentes formas, determina as concepções de vida na cidade e as prioridades que serão assumidas, no decorrer de seu desenvolvimento, no que se refere à educação.

As práticas observadas são identificadas nas memórias dos pais, professores e alunos e traduzem, em alguns casos, formas específicas de conceber o ensino, produzindo um legado de cultura escolar próprio da região, entendendo cultura escolar como:

¹ Projeto desenvolvido no município de Bom Jesus, sob a coordenação da Professora Lucila Maria Sgarbi Santos, com base no qual foram criados: museu, biblioteca pública, acervo de documentos escritos, acervo de fotografias e acervo de memória oral do município.

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo a época e finalidade religiosa, sociopolítica ou simplesmente de socialização (JULIA, 2001, p. 12).

O período do estudo é atravessado por questões políticas, em diferentes níveis, que podem ser observadas nos documentos analisados, permitindo, assim, uma aproximação, em certos momentos, do contexto dessa cidade com a esfera nacional e estadual. Essa aproximação emerge das memórias da cidade, que chegam aos nossos dias “captadas pela história” (NORA, 1984, p. xxxvi).

Escolas comunitárias em região de imigração homogênea

Uma das características da região pesquisada, que talvez possa ser pensada como singular, está relacionada ao aspecto geográfico, à distância dos distritos com relação à sede do município e dessa para os centros maiores, às estradas sem pavimentação e ao clima frio no inverno. Essas características são fatores determinantes, em alguns casos, nas práticas adotadas em relação à educação.

As longas distâncias acrescidas de estradas precárias e a carência de meios de transporte, ainda hoje, dificultam o acesso à escola por parte de crianças de algumas comunidades, embora a pavimentação, manutenção de estradas menos frequentadas, o transporte escolar e a nucleação de escolas muito tenham contribuído para facilitar o acesso. Como então, em outras épocas, com as dificuldades agudizadas por falta de professores, dificuldades financeiras e localização geográfica – além de práticas familiares e necessidades individuais – desenvolviam-se as possibilidades de estudar? Diferentes fatores interligam-se caracterizando a história da educação desse lugar e a importância conferida ao estudo nessa comunidade, no início do século XX. Fatores que, em certa medida, justificam os sacrifícios a que se submetiam pais e alunos na busca de educação escolarizada, numa época em que o ensino público era escasso em todo o país.

De acordo com Kreutz (2000), nos estados com número expressivo de imigrantes, como é o caso do Rio Grande do Sul, a falta de escolas públicas foi suprida em regiões de colonização homogênea pelas escolas étnicas; assim, poucas escolas havia no estado, excetuando-se, talvez, nessas regiões. Nas regiões de imigração alemã, até o ano de 1939, havia 1.579 escolas étnicas/comunitárias, seguidas pelas regiões de imigração italiana que, no mesmo período, contavam com um número de 396 escolas. A história das escolas, nos anos finais do século XIX e três primeiras décadas do século XX, no Rio Grande do Sul está, portanto, articulada, entre outros fatores, à vinda de imigrantes e à formação das colônias, tanto nos vales dos Sinos, como pesquisa Kreutz, como na serra gaúcha (LUCHESE, 2007).

Dentro do quadro da colonização, o município de Bom Jesus manifesta algumas peculiaridades: mesmo estando próximo geograficamente da Serra Gaúcha, região com concentração de imigrantes italianos, encontra-se, igualmente, próximo a algumas das regiões de imigração alemã, como Três Forquilhas e Taquara. No entanto o município não recebeu diretamente esses imigrantes. Para Bom Jesus, migraram, posteriormente, descendentes de italianos e alemães que se misturaram aos luso-brasileiros, que ali já se encontravam, não formando as colônias homogêneas observadas em outras regiões do estado. Assim, contrariamente ao observado nos trabalhos de Werle (2005) e Kreutz (2000), não se percebe que a forma de contornar o problema da escolarização tenha sido por meio da implantação de escolas comunitárias, nem de uma nem de outra etnia, mesmo sendo o ensino público precário e deficiente.

Aulas com professores em casa

Na zona rural de Bom Jesus, nas décadas analisadas, as escolas eram praticamente inexistentes. São poucos os documentos que fazem referência à existência de uma “aula”. É possível perceber que a educação sistematizada vai, gradativamente, sendo constituída e manifesta-se, por muitas décadas, com soluções particulares para resolver o problema por meio de práticas que assumem códigos e regras próprias, visto que não dependiam de meios

públicos para serem instituídas. Na cidade, mesmo o acesso sendo mais fácil que na zona rural, ainda assim a dificuldade também é observada. Assim, as “aulas em casa”², com professores particulares contratados pelos pais, ou os regimes de internatos – que seguem uma dinâmica própria, dependendo da região, se mais próxima ou mais distante da sede do município – é que suprem, em certa medida, a carência de escolas públicas.

As primeiras referências encontradas no Brasil relativas a essa prática de “as aulas com professores em casa” é circunscrita na cidade do Rio de Janeiro, por Vasconcelos (2005), no final do século XIX. Segundo Fernandes (2005, p. XII), o “Ensino Doméstico”, denominação utilizada em Portugal e adotada também por Vasconcelos, “[...] não é um tema cuja pertinência se meça exclusivamente em relação ao passado”, visto que “o desejo, por parte das famílias, de eficiência pedagógica, de permanência de valores e de segurança física leva que se recorra ao ensino no interior do lar [...]” (FERNANDES, 2005, p. XII). A origem dessa prática, porém, está no passado, “[...] desde os tempos mais remotos, caracterizada em determinados períodos da história como o único recurso para a educação de crianças e jovens e, em outros tempos [...] utilizada pelas elites econômicas e políticas para educar seus filhos” (VASCONCELOS, 2005, p. 1). Essa forma de educação, que remonta à Idade Antiga, modifica-se e amplia-se na Modernidade graças às mudanças paradigmáticas ocorridas, principalmente, no chamado Século das Luzes (VASCONCELOS, 2005).

Nessa pesquisa utilizo a denominação “aulas com professores em casa” em detrimento de outras, como professores particulares, preceptores, aulas domésticas e mestre-escola, empregadas por diferentes autores para designar aulas fora de uma instituição escolar. Esses nomes não dão conta do

espaço físico específico, para fins de educação, que se constitui como uma entre as possibilidades de dar instrução formal aos filhos, em épocas em que não havia escolas para atender às necessidades da comunidade.

Assim, o termo “aulas com professores em casa” é aqui empregado para caracterizar um sistema de educação institucionalizada, pois segue algumas regras características da educação formal como certa seriação, atribuição de graus progressivos de dificuldade aos conteúdos e uma avaliação. Os conteúdos são transmitidos especificamente por “professores”, mesmo que, no caso dessa pesquisa, eles não tenham diploma formal para esse fim. Desse sistema podem fazer parte um ou mais alunos, mas o estabelecimento de ensino é sempre a residência de uma família, dos pais do aluno, dos vizinhos ou do professor. Essa prática não está vinculada somente à elite, mas a camadas sociais distintas, em diferentes regiões do município, e embora o fator econômico seja relevante, não é o único a ser considerado.

As memórias das “aulas com professores em casa” compõem um conjunto singular de informações, não sendo possível contar com registros escritos a esse respeito, tendo em vista a transitoriedade e precariedade com que eram ministradas.

Apesar de sua constatação e reconhecimento como prática instituída [...] a educação doméstica pressupunha um atendimento [...] realizado na esfera privada. Em consequência disso ela às vezes era alijada dos registros oficiais e não deixava vestígios e arquivos (VASCONCELOS, 2005, p. 12).

Os registros pesam, assim, quase que exclusivamente na fonte oral. Em livros de contratos e atas da prefeitura, tanto de Bom Jesus como de Vacaria, bem como em livros Tombo da Igreja, não se encontram referências às questões relativas ao ensino “em casa”. Qual a dimensão dessa prática tão usual nos relatos dos sujeitos da pesquisa? Histórias de educação permeadas por alegrias, frustrações e sacrifícios envolveram o cotidiano de pais, professores e alunos, esses últimos tendo seu primeiro contato com a escolarização na ausência de escola.

Assim, foram as memórias do AMO³ que possibilitaram o contato com outro mundo da

² Aulas em casa – nesse contexto – nada têm a ver com o processo iniciado nos Estados Unidos, conhecido como “Home School”, ou ainda “escola em casa” ou “objeção escolar”. “Essa tem em Ivan Illich, Charles Siberman e, especialmente, em John Holt seu embasamento teórico”, que pretende levar adiante a educação das crianças em seus próprios domicílios (SANTOMÉ, 2003, p. 35). Essa experiência tem, nos Estados Unidos, exemplos significativos que, na década de 1990, reavivaram o ensino em casa “[...] num discurso contra a escola pública, em especial contra o professorado da rede pública, [...] a família chega a usurpar por completo o papel da escola” (SANTOMÉ, 2003, p. 35).

³ Acervo Municipal de Memória Oral.

escolarização, o mundo do estudo e da aula, não aquele legado pelos registros das escolas, secretaria de educação ou outros órgãos oficiais. Um mundo lembrado pelos sujeitos entrevistados, que traz ao presente as lembranças da zona rural, dos primeiros professores, das aulas, das dificuldades de chegar à casa de um vizinho, de enfrentar frio, da precariedade de alguns professores, de formas diversas de aprender as “primeiras letras”. Memórias sobre os internatos, outra opção para quem não viva na cidade; sobre as dificuldades de morar com parentes e de adaptação distante de casa. Esses e outros aspectos compõem um quadro que vai se delineando nas narrativas.

No momento de cada entrevistado trazer à memória tempos, espaços, pessoas de outras épocas, cada um parece compartilhar novamente as situações com aqueles com quem conviveu e a quem a lembrança foi buscar. A dinâmica das aulas com professores em casa pode ser percebida nos fragmentos⁴ que seguem. Eles abordam aspectos distintos que dão a perceber um determinado contexto que caracteriza a história dos estudos daqueles que viviam na zona rural. São relatos de cada um em particular, e que, no entanto, se entrelaçam para compor certa dinâmica comum à região.

Estudei em casa com o professor Antônio Tato, que depois foi substituído por um outro professor que vinha de São Joaquim. Para terminar as séries iniciais, fui para a cidade estudar com a D. Nair Boff, e depois com as Irmãs Ramos. Na cidade ‘parei’ na casa do Seu Francisco Spinelli. Com 13 anos fui para o internato de freiras em Taquara do Mundo Novo, fiz um exame para ver em que série estava. Fiquei no internato até os 16 anos. Só voltava pra casa uma vez por ano nas férias de verão (Maria dos Prazeres Ribeiro Velho, entrevista, 1990).

Seu Ambrosio da Silva conta:

Estudei muito pouco, porque era só escola particular lá no sítio às vezes tinha às vezes não tinha. Os pais que pagavam professor, o falecido pai pagou professor. Professor Otávio Silveira e um tal de Inácio. Eu não estudei... muito pouco, aprendi meio a força, assim não escrevo muito bem (Ambrósio da Silva, entrevista, 1994).

Seu Argeu Ribeiro Velho relata os sacrifícios – aos olhos de hoje, pois ele não menciona essa palavra – para estudar. Segundo ele o ano era mais ou menos 1928.

Estudei Até o 4º ano do primário em São Jacó, Hamburgo Velho, dos Irmãos Maristas, os alunos que moravam distante eram internos. Meu caso, nós aqui de cima da serra, ia a cavalo demorava três a quatro dia até o ponto onde tivesse trem de ferro, no caso era Taquara, até lá viajava-se de a cavalo, de lá pegava-se o trem, [...] Os animais ficavam nos poteiros em taquara, a comitiva que nos levava pro colégio, trazia de volta. (os cavalos) [...] os peão da fazenda iam me levar, e compravam o que necessitava trazer de lá, o sal, o açúcar, o café. Tive no colégio dos 14 aos 16 anos (Argeu Ribeiro Velho, entrevista, 1993).

Seu Vicente Ribeiro Hoffmann conta:

Fui na escola do Sr. Cândido Pereira de Camargo que era do Piauí. A escola ficava na ‘Água Branca’. Fui morar na casa de um tio para poder estudar, eu era o mais adiantado da turma. Meu tio me deu uma biblia quando me viu lendo um romance, mas o professor era meio ateu e me desaconselhou ler a biblia, aí citei uma passagem pra ele [...] (Vicente Ribeiro Hoffmann, entrevista, 1991).

Seu Edmundo Jacoby também recorda das aulas em casa, com professor contratado, no início da década de 1920.

O primeiro professor, era escola particular pago pelo pai era Valter Peixoto, bom professor, eu tinha 8 anos. Depois vieram pra perto, já tinha escola municipal. Os professores era Ladislau Tietböl, irmão do Maximiliano era lá no Pascoal e Otávio Silveira, os dois municipal. Outra era a aula no Suçuaíá, tive aula com o teu tio Edgar, era o Fundo dos Almas, antes um pouquinho. [...] Naquele tempo era difícil, mais lá o que eles puderam fazer foi dar o 5º ano pra cada um de nós. Já fizeram muito. Tinha que estudar tinha que ajudar em casa, papai tinha recurso, mas muito filho (Edmundo Jacoby, entrevista, 1994).

Nos aspectos relacionados às aulas com professores em casa contratados pelos pais, e internatos, a entrevista com Seu Orizon Roque de Souza (Doti)⁵

⁴ Em todas as transcrições feitas partindo das memórias encontradas no Acervo, optou-se por não corrigir nenhum aspecto da oralidade dos entrevistados, pois quando se trabalha com memórias orais esse é também um aspecto importante no processo de análise.

⁵ Embora tenha a idade menor (55 anos) do que aquela estipulada no início da pesquisa, sua entrevista foi integrada por relatar fatos de uma região distante do município e que hoje pertence ao município de São José dos Ausentes. Essa região foi muito pouco referida nas outras memórias que escutei. Também por relatar memórias refe-

é rica em detalhes, aborda os aspectos que se está discutindo com informações esclarecedoras e singulares. Em suas memórias é possível observar diferenças com relação aos outros relatos. Ele descreve um cenário de educação em uma das regiões mais distantes da sede do município de Bom Jesus. A região que abrange as localidades denominadas Silveira, Faxinal Preto⁶ e São José dos Ausentes, lugares situados na Região da Costa dos Aparados da Serra e que, pela proximidade com o estado de Santa Catarina, produzem práticas relacionadas à região geográfica em que se encontram, tendo um vínculo muito próximo com as cidades do estado vizinho.

Ao relatar a forma como a mãe e as tias estudaram, entre as décadas de 1910 e 1920, diz:

[...] existia também as meninas, tinha os colégios de irmãs em Uruçanga, existia também muitas gurias, senhoras da época iam estudar em Uruçanga, São Lugero, em Santa Catarina, internas, em regime interno, lá saía uma dona de casa. Elas bordavam, fazia renda, toda a culinária, aprendia no próprio colégio [...] o pessoal ali (se refere a São José dos Ausentes, Silveira e Faxinal Preto) ia estudar Lucila. [...] o pessoal, minha mãe, minhas tias, todo mundo estudou ali e em Taguara. Minha mãe estudou em Uruçanga e em Taguara (Seu Doti, entrevista, 1995).

Uruçanga e São Lugero são municípios de “Serra Baixo”⁷, próximos da região da Costa. As memórias de Seu Doti retratam o que era considerado o ensino adequado para moças, no final do século XIX, início do século XX. Segundo Pesavento, “no terreno da educação das moças de elite, essa deveria ser mais branda, mesclando conhecimento do ensino elementar, tais como aritmética, gramática, francês, história, geografia e ciências com as chamadas ‘prendas domésticas’” (1998, p. 74).

Continua falando de seus pais e tios:

Teve nas épocas que me antecederam bons professor, meu pai, meus tios, homens de 80 anos hoje, tinham uma caligrafia beleza, uma perfeição, era uma raridade, até hoje. Foi bons professores que vieram [...]

rentes a seus pais e avós, aproximadamente na década de 1920.

⁶ Silveira e Faxinal Preto são distritos do município de São José dos Ausentes, que foi desmembrado em 1991 do município de Bom Jesus.

⁷ Termo utilizado para designar os municípios do estado de Santa Catarina localizados abaixo da Serra Geral, (Aparados da Serra).

João Laurindo, foi um grande professor, Zé Ribeiro, Tota Rodrigues que lecionava no Faxinal. Como é que eram esses professores? Quem é que pagava? Eram pagos digamos assim, um fazendeiro contratava esse professor pra lecionar, e esse aí agrupava os sobrinhos, as famílias, os amigos os parentes de perto (Seu Doti, entrevista, 1995).

No que diz respeito ao estudo estar relacionado ao poder aquisitivo da família, Seu Doti comenta:

O pessoal de pouco poder aquisitivo era quase tudo analfabeto. O pessoal que tinha poder, condições levava os filhos nos colégios fora [...] existia bons internatos na época e a gurizada iam pros colégios e ficavam um, dois anos, até mais. Uns chegavam a se formar.[...] (O estudar mais ou menos dependia do poder aquisitivo?) Dependia do poder aquisitivo e da intenção né? [grifo meu]. Tinha pessoas que, por exemplo meu pai, era um homem semi-analfabeto e dizia o seguinte ‘que não interessava deixar um palmo de terra se formasse os filhos’, inclusive na época, era muito combatido, muito criticado, tinha gente, nos éramos 10 irmãos, tinha pessoa de base, homens de ponta da época, diziam ‘tu vai formar um os outros vão morrer de fome, isso é uma lucura, onde já se viu estuda os filhos’ (Seu Doti, entrevista, 1995).

Com relação aos peões das fazendas, responde:

Também tinham a oportunidades de estudar, aprender o ABC, como eles diziam. Então aprendiam a desenhar o nome e tal. Lado onde passou professor na época, as pessoas, branco, moreno, mulheres, tudo aprenderam a escrever. Nós no Faxinal Preto tivemos esse privilégio [...] meus antecessores, tios, meu pai, que houve esses professores, e aí aprenderam a ler, escrever, fazer as quatro operação [...] era o básico da região, quem sabia escrever e fazer as quatro operação tava formado (Seu Doti, entrevista, 1995).

Ao terminar esse relato, comenta rindo com a professora Lucila que “[...] quem sabia escrever e fazer as quatro operação tava formado”. Ao recordar seus estudos, já na década de 1940, Seu Doti ainda relata:

Eu pra estudar, a princípio meu pai contratou uma moça que chamava-se Dona Ermínia Valim, [...] ela nos lecionou um ano em casa. Nós éramos na época, era seis irmãos que estudavam em casa. Os mais

velhos a Dorvina e o José teve escola no Faxinal, eles estudaram um pouco no Faxinal. O Luiz José estudou nos Ausentes um pouco. A Dorvina, depois foi pra um convento de freiras estudou até uma época, depois foi pra Caxias. Eu estudei um ano em casa depois fui pro Faxinal, estudei com uma professora municipal [...] Dona Alice Moreira. Minhas irmã, dois anos depois, se formaram e voltaram a lecionar no Faxinal eu fiz até o quinto ano com elas e com o professor que veio de Vacaria, Miguel Zulmar Paim. Fui aluno dele, [...] fiz o admissão e parei. Fui pra Caxias um tempo, eu gostei sempre da lida do campo, então pedi pro meu pai que não me colocasse mais em colégio [...] abracei essa campanha do campo, calcei bota e bombacha [...] e tô lá até hoje (Seu Doti, entrevista, 1995).

A professora Lucila, também na década de 1940, rememora as aulas que teve em casa, na mesma época que Seu Argeu, quando fala da educação dos filhos.

[...] o primário [...] eu comecei com professor particular em casa, era uma pessoa, que se pode dizer, semi-analfabeta. A minha mãe não tinha tempo de nos dar aula, então ela ficava bordando, fazendo o serviço e explicava para o professor e ele nos dava aula. Hoje, quando penso no professor, ele não tinha as mínimas condições. Depois desse, tive mais uma professora e um professor [...] em casa [...] era eu minha irmã e tinha outra pessoa, eu acho que a filha de um empregado. Depois nós fomos para a escola municipal há 1 km da nossa casa, que nós morávamos no sítio e essa professora também sabia muito pouco. Ela mais ficava contando anedotas para nós ao redor do fogo [...] e os guris ela mandava pra rua brincar. Até aí estava na 3ª série, aí fui estudar em Antônio Prado no colégio das irmãs de São José (Lucila, entrevista, 2004).

Meus filhos tiveram professor em casa, paguei professor particular pra lecionar, chamava-se Pedro Henrique Magaldi, apelido Totinha, era de São Joaquim, mas criado em Bom Jesus. Ele lecionou em duas localidades, eu me mudava muito, deu aula em Monte Alegre e na Fazenda São Luiz (Seu Argeu, entrevista 1993).

Dona Emília, quanto aos estudos de seus filhos, relata que

Aprenderam a escrever com sabugos, faziam as letras com sabugo, a primeira aula foi em roda do fogo, os pais e os tios que ensinavam os filhos, o tio

mais velho era responsável por cuidar de todas as crianças. Aprendiam com o tio o alfabeto fazendo todo o alfabeto com sabugo de milho. Não tinha colégio, meu marido justava um professor em casa e juntava os vizinhos para dividir as despesas. O primeiro professor contratado na fazenda das Almas, para ensinar meus filhos foi Seu Alfeu ele era do 8º distrito, além de professor era também artesão de chifre. O professor morava na fazenda, ganhava casa e comida e cada vizinho pagava para seu filho. Pra fazer o admissão nós justava um professor mais sabido (Emília, entrevista, 1993).

Pelo que é possível projetar partindo da idade dos sujeitos, as memórias das aulas em casa percorrem uma temporalidade relativamente extensa, desde a Dona Júlia Kramer, na década de 1910, passando por Seu Vicente e Edmundo, mais ou menos na década de 1920, Dona Alvina, na década de 1930, até Seu Doti, professora Lucila e os filhos de Seu Argeu na década de 1940. São, portanto 40 anos de uma prática autônoma de estudo, formas de ensinar e aprender que se deram na zona rural, durante um determinado tempo, fora da instituição escolar e que, no entanto, segue certas normas da cultura escolar.

Dominique Julia (2001) aponta o espaço escolar como um dos elementos essenciais à constituição de uma cultura escolar. Mesmo que as aulas em casa, obviamente, não contemplem essa premissa, nesse processo percebem-se os outros dois elementos enunciados por Julia que são: certa graduação nos conteúdos e um professor, profissional específico para o trabalho.

Essa forma de dar estudo aos filhos, em regiões onde não havia escolas nem sequer uma aula, era alternativa amplamente adotada na região. A carência de aulas, em muitos casos, parece acontecer em razão da distância da localidade em relação à sede do município ou no caso da região ter poucos alunos, o que se pode concluir pelo Decreto nº. 19, de 01/08/1926, que “transfere a aula mista de Rondinha para a Ramadinha no 1º distrito desse município, devido à exiguidade de frequência”⁸.

No percurso das memórias é possível observar, ainda, algumas características comuns à maioria dos relatos. Isto é, a prática habitual de que o professor morasse na casa dos pais dos alunos. Em

⁸ Livro de Registros de decretos governativos municipais D-L-01, 1925 a 1940.

caso de uma determinada família contratar um professor e haver vizinhos interessados na aula, as crianças frequentavam a casa dessa família com o propósito de estudar, e cada pai contribuía, pagando o professor de acordo com o número de filhos. Parecia haver colaboração entre famílias, vizinhos, patrões e empregados na forma de “gerenciar” o ensino. Isso é observado nas memórias do Seu Doti, quando conta sobre o acesso das pessoas da região ao estudo: “[...] também tinham as oportunidades de estudar, aprender o ABC, como eles diziam. Então aprendiam a desenhar o nome e tal. Lado onde passou professor na época, as pessoas, branco, moreno, mulheres, tudo aprenderam a escrever”, e Dona Emília: “Não tinha colégio, meu marido justava um professor em casa e juntava os vizinhos para dividir as despesas”.

A precariedade na formação desses professores é percebida em alguns casos e parece não estar relacionada com a época; constata-se essa afirmação nas seguintes falas: “Pra fazer o admissão nós justava um professor mais sabido”; “A minha mãe não tinha tempo de nos dar aula, então ela ficava bordando, fazendo o serviço e explicava para o professor, e ele nos dava aula. Hoje, quando penso no professor, ele não tinha as mínimas condições”, ambas mais ou menos da década de 1940. No entanto, isso não pode ser considerado uma regra, visto que em outros depoimentos encontra-se; “Teve nas épocas que me antecederam bons professor [...]. Foi bons professores que vieram”; “João Laurindo, foi um grande professor, Zé Ribeiro, Tota Rodrigues que lecionava no Faxinal”. Nesse caso, calcula-se que seja final da década de 1910, início de 1920.

Os professores, em muitos casos, provinham de municípios vizinhos como Araranguá e São Joaquim, outros surpreendem pela distância. Um exemplo é o professor Cândido Pereira de Camargo que, segundo Seu Vicente, era do Piauí.

Continuando com as memórias sobre as aulas em casa, Dona Lili recorda como iniciou seus estudos:

Iniciei meus estudos em casa, na fazenda onde morava com meus avós. O professor era Seu João Telatin, a aula era particular, o professor lecionava na cidade para vários alunos e vinha para a fazenda só para dar aulas pra mim. Com mais ou menos 12 anos fui para o internato São José em Vacaria, a

onde fiquei durante dois anos, as aulas do professor Telatin⁹ permitiram que eu acompanhasse o internato (Dona Lili, entrevista, 1997).

O professor Telatin foi dono de uma escola particular na sede do município. Dona Lili dá a ver um pouco mais desta educação, com professores contratados pelos pais. Uma pergunta que surge no decorrer da pesquisa é: como se media o grau de escolarização para enquadrar os alunos no ensino regular visto que, nas “aulas com professores em casa”, isso não ficava definido?

Por meio do relato de Dona Lili, o exame para avaliar o nível de conhecimento do aluno era o que o enquadraria na série correspondente ao seu desempenho. O depoimento da professora Lucila corrobora essa prática, ilustrando um fato específico de sua vida que poderia ocorrer com certa frequência com relação a alunos que iniciaram seus estudos fora da instituição escolar.

[...] teve umas situações bem engraçadas, todo mês tinha sabatina, eu não tinha a mínima idéia o que era isso [...] Chegou o dia da tal sabatina... a professora ditou, primeira questão, e eu: como professora? A palavra mais parecida que eu conhecia era cristão, então coloquei 1º cristão. 2º cristão [...] terminada a prova a irmã chamou minha tia - que eu morava com ela - para me remover para a 1ª série. Ai minha tia e minha prima que já estava no 3º ano do ginásio me ensinaram. Minha tia pediu pra irmã me deixar ficar mais um pouco para ver se eu acompanhava [...] ai eu aprendi. Naquele ano mesmo eu fui promovida pra 4ª série e elas acharam que eu tinha condições de fazer o admissão no fim do ano, mas meu pai foi sábio, disse: essa guria tá muito fraca, pode não acompanhar o ginásio. Ai eu ganhei o ensino regular [...] fiz o ginásio em Antônio Prado parando na casa da minha Bisavó e de uma tia (Lucila, entrevista, 2004)¹⁰.

Além do enquadramento na série correspondente de forma um tanto arbitrária, outro aspecto emerge do relato da professora Lucila, o que diz respeito a morar longe de casa e da família para seguir estudando. Nesse sentido, os internatos

⁹ O nome desse professor é encontrado com diferentes pronúncias nos depoimentos: Talatin, Telatino e Telatin. Optamos por registrar esse último, pois é o mais frequente e encontra-se escrito num caderno de caligrafias pertencente a uma das entrevistadas da pesquisa. O mesmo não acontece com outros nomes, tais como Inês, Inez ou ainda com Ganz; não tiveram a grafia uniformizada.

¹⁰ Entrevista não pertence ao AMO.

religiosos eram a alternativa para que meninos e meninas pudessem continuar os estudos. Questões como estudar em colégio interno, morar na casa de parentes ou de amigos, ficar distante da família evidenciam-se nesse e em outros depoimentos, como os de Dona Sueli e Dona Olenca:

Fiz o primário com as Irmãs Ramos, fiz admissão e fui estudar em Tubarão onde fiz o Complementar. A gente ia de burro, no lombo de um burro até Aranguá, levava umas canastra com o enxoval do colégio, meu pai levava nós (ela e as primas) e os empregados esperavam lá, depois nós ia de trem até Tubarão. Não vinha nas férias, os pais é que iam, a gente não tinha esse mundo de férias que nem hoje eram só 10 dias e era muito dispendioso.[...] No primeiro ano estudava eu a Ilse e a Odete (primas), depois foi a Leonor e a Beloni (primas). A Julinha já estudou em Vacaria, já tinha colégio aqui, [...] a Odila e a Noeli ainda tiveram que estudar em São Leopoldo, mas tinha ônibus, levava uns 2,3 dias mas era melhor. (melhor que Tubarão) (Dona Sueli, entrevista, 2002).

Fiz o primário interna no Sévigné em Porto Alegre, depois no colégio Santa Catarina em Nova Hamburgo. Quando reprovei em duas matérias fui estudar num pensionato em Caxias, lá fiz o Complementar¹¹ para ser professora (Dona Olenca, entrevista, 1995).

As memórias de Dona Olenca e Profa. Lucila trazem diversos aspectos surgidos em decorrência da falta de escolas, questões comuns a determinada época, numa região distante da capital. A prática de morar com familiares longe de casa, falta de qualificação dos docentes, dificuldades de enquadramento no ensino regular evidenciam as peculiaridades do acesso ao saber que, nesse tempo, em muitas situações, só era possível com essa prática de “aulas em casa” e regimes de internato.

Outra prática comum, que pode ser observada no contexto analisado, tem a ver com a idade de permanência no internato. Dona Maria dos Prazeres ficou no internato até os 16 anos, Dona Alvina saiu do colégio com 17 anos, Seu Argeu ficou até os

¹¹ As escolas Complementares iniciam-se no Rio Grande do Sul a partir de 1906. De acordo com Werle, surgiram [...] em substituição aos Colégios Distritais, atendendo aos alunos que se mostravam habilitados nas matérias do curso elementar, com o objetivo de desenvolver e aprofundar o ensino desse nível e de preparar candidatos ao magistério público primário, mediante estratégia de caráter privativo e profissional (2005, p. 620).

16 anos; entre os 16 e 18 anos também encerram seus estudos Dona Olenca e Dona Sueli. Parece ser essa faixa etária um limite para a escolarização, sem alusão ao término de algum tipo de formação específica, excetuando-se as duas últimas, que concluíram o Complementar¹².

O hábito de morar com parente ou conhecido é relatado por Seu Vicente, que morou com um tio; Dona Maria dos Prazeres, que “parou na casa do Seu Francisco Spinelli”; a professora Lucila, que foi morar em Antônio Prado com sua bisavó e uma tia; e a Dona Júlia, que morava com as próprias professoras, no caso, as Irmãs Ramos. Não comentam que pagassem alguma importância pela hospedagem, parece ser aquele exemplo de solidariedade compartilhada, prática que diz respeito talvez à cultura de uma região.

A prática de “parar”¹³ com alguém para estudar parece ter sido – em virtude das distâncias, das dificuldades financeiras e da inexistência de escolas para continuação dos estudos – uma necessidade e uma alternativa nem sempre tranquila. As memórias da professora Lucila nos ajudam a entender essa prática.

Antes de falar sobre a escola vou comentar sobre o choque cultural. Menina criada no sítio, com pais muito liberais para a época, pois conversavam conosco, ia-se a bailes desde pequenas, rezávamos, principalmente na casa da avó paterna, mas em casa eram feitas orações normais, pois minha mãe tinha muita influência espírita, [...] Para a minha mãe o diabo era a sogra dela, ir morar com pessoas que tudo era pecado, a missa era quase diária, baile nem falar, cinema jamais, pois se o filme fosse sobre a vida de um santo aí que o pecado era grande, visto que os artista eram pecadores por estarem repre-

¹² Ao contrário das Escolas Normais surgidas em 1860 no Rio Grande do Sul, que inicialmente tiveram um caráter assistencialista, vinculadas ao poder público, a Escola Complementar era destinada ao atendimento das jovens de classes mais abastadas e “[...] não estava vinculado às estruturas de poder que intervinham politicamente na instrução pública da região, no que se diferenciava da antiga escola Normal” (WERLE, 2005, p. 620). Pesavento afirma que o programa no Colégio Sévigné, inaugurado em Porto Alegre em 1900, compreendia trabalhos de agulha, canto, piano etc. “[...] também preparar as moças através dos cursos elementares e de habilitação para o magistério” (1998, p. 74). Assim, a escola complementar “[...] enquanto internato era uma instituição total assegurando a incorporação de um *habitus* ligado ao papel da mulher e à constituição da professora”. (WERLE, 1997, p. 311).

¹³ Termo regional comumente empregado nas entrevistas que significa morar com alguém.

sentando a vida de um santo. Estudei seis anos em Antônio Prado, foi uma época difícil, mas valeu a pena. Hoje vejo que a minha tia cuidar de sobrinhos também não deveria ser nada fácil, principalmente pela responsabilidade assumida, só vínhamos para casa nos períodos de férias, se ficássemos doentes elas tinham que providenciar médicos, remédios, etc. pela quebra da rotina, etc. Assim é que lembro desse período com saudades e seguido vou visitar amigas que lá ficaram (Lucila, entrevista, 2004).

Esse relato, sobre a dificuldade de morar com outra família, é basicamente a única referência nas memórias que escuto. Mesmo não sendo explicitadas pelos demais sujeitos da pesquisa, é possível que as diferenças e problemas de adaptação existissem em várias situações.

O Quadro 1 foi organizado de forma a indicar a relação dos professores mencionados nas memórias e que ministraram aulas em casa.

Professores contratados para “aulas em casa”	
Nome dos professores	Época e local
Seu Aníbal	± 1913
João Laurindo	Década de 1910 – Faxinal Preto
Zé Ribeiro	Década de 1910 – Faxinal Preto
Tota Rogrigues	Década de 1910 – Faxinal Preto
Dona Serafina Maria da Silva (Araranguá)	1915
Valter Peixoto	1920
Ladislau Tietböl	1920
Edegar Valmórbida	1920
Antonio Tato	± 1923
Otávio Silveira	± 1925
Seu Alfeu	± 1930
João Telatin (Tijucas, SC)	± 1930
Pedro Henrique Magaldi	± 1940

QUADRO 1. Relação de professores que ministraram aulas em casa – 1910-1930

Observando-se o Quadro 1 pode-se pensar sobre alguns aspectos das relações de gênero e do processo de feminização do magistério, visto que entre os 13 professores lembrados há somente uma mulher.

No contexto pesquisado emergem algumas formas específicas de ensino, singulares, em alguma medida, às culturas do lugar. No entanto, algumas dessas práticas observadas nos Campos de Cima da Serra já foram mencionadas em outras pesquisas, de outros lugares, referentes ao mesmo tema.

Não se pode afirmar que as práticas mencionadas perduraram durante uma temporalidade específica, não existem rupturas drásticas em educação, pois no mesmo espaço temporal mesclam-se aulas em casa, internatos, aulas localizadas na região rural e espaços escolares que na cidade começam a surgir e perduram, até quando nos foi possível observar, convivendo por 40 anos, aproximadamente.

Os aspectos aqui abordados não têm a intenção de salientar especificidades regionais e culturais como únicas, numa espécie de “narcisismo das pequenas diferenças”, como afirma Burke (2000), e sim salientar algumas particularidades que, provavelmente, façam parte de uma história de maior amplitude. A especificidade está no vivido, na experiência de vida de cada sujeito que rememora. A universalidade está nos pontos de contato entre essas e outras memórias, de outras culturas, nas práticas adotadas, nas formas de contornar os problemas relativos à educação, que, ao longo do tempo, instituíram-se, permanecendo durante décadas em diferentes espaços. Diferentes aspectos demarcam diferenças e/ou semelhanças, funcionando como dispositivos discursivos para determinar particularidades regionais ou identificações com um contexto maior (BASTOS, 2008).

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Maria Helena Câmara. **Pense globalmente, pesquise localmente**: em busca de uma mediação para a escrita da história da educação. [S.l.: s.n.], 2008. (texto ainda não publicado)
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: UNESP, 2004.
- FERNADES, Rogério. Prefácio. In: VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres**: a educação no Brasil de oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi. **Memórias recompondo tempos e espaços da educação: Bom Jesus (1913-1963)**, 2008. 389 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.
- KREUTZ, Lucio. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes ; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 347-370.
- LUCHESE, Terciane Angela. **O processo escolar entre imigrantes da região colonial italiana do RS: 1875 a 1930**: leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita. 2007. 495 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.
- NORA, Pierre. **Lês lieux de mémoire**: I la republique. Paris: Gallimard, 1984.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O espetáculo da rua**. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres; PARASKEVA, João M.; APPLE, Michael W. **Ventos de (des)escolarização**: a nova ameaça à escola pública. Lisboa: Plátano, 2003.
- WERLE, Flávia Obino Correa. Escola complementar como espaço de formação. **Revista Veritas**. Porto Alegre, v. 42. n. 2. p. 307-316, jun. 1997.
- _____. Prática de gestão e feminização do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 609-634, set./dez. 2005.
- VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres**: a educação no Brasil de oitocentos. Rio de Janeiro, Gryphus, 2005.

DOCUMENTOS

- ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Livro de registros do quadro de escolas públicas do estado (1913–1917).
- _____. Livros de registros dos quadros de alterações das escolas públicas do estado.
- _____. Livros de registros de Decretos Governativos Municipais de Bom Jesus – D-L-01 (1925-1940).
- _____. Livro de Contratos do Município de Vacaria (1909-1941).
- ARQUIVO MUNICIPAL DE BOM JESUS. **Acervo de memória oral** (1990-2004).

Recebido em 24.05.2011

Aprovado em 01.09.2011